

Cinema
de
Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter

da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



6 - Novembro - 1965

"UMA MULHER É UMA MULHER"

("Une femme est une femme")

FICHA TÉCNICA

Realização — Jean-Luc Godard

Argumento e roteiro — Jean-Luc Godard

Cenografia — Bernard Evein

Fotografia — Raoul Coutard

Música — Michel Legrand

Montagem — Agnès Guillemot e Lila Herman

Interpretação — Anna Karina (Angéla), Jean-Paul Belmondo (Alfred), Jean-Claude Brialy (Émile), Nicole Paquin, Marie Dubois.

Produção — Rome-Paris-Films (Georges de Beauregard, Carlo Ponti) — 1961

Duração — 1 hora e 18 minutos

— Prêmio especial do júri no Festival de Berlim de 1961.

— Prêmio para a melhor atriz (Anna Karina) no mesmo Festival.

Em «Une femme est une femme», a principal personagem é, simultaneamente, uma mulher simples que deseja a coisa mais natural do mundo: ter um filho e uma atriz que quer aparecer de qualquer modo numa comédia musical. Eis porque, segundo Jean Collet, o filme não é apenas um documentário sobre Angéla, para ser mais um documentário sobre teatro. Godard diria: **teatro-verdade**. Paradoxalmente, os momentos mais realistas, por exemplo aquele em que Angéla cosinha um ovo, se tornam teatrais: para Godard se representa na vida de todos os dias, mas se exprime uma verdade quando se faz uma comédia. Daí, os personagens serem conduzidos incessantemente de uma situação familiar para outra muito teatral: do confronto, e só dêle, nascerá a verdade para o espectador.

Terceiro longa-metragem de Godard, «Uma mulher é uma mulher» teve justificado pelo júri de Berlim o seu prêmio «pela originalidade, juventude, audácia e impertinência com que o filme se atira contra as normas clássicas da comédia filmada». Uma atitude, aliás, própria ao cineasta cuja vida e cujo trabalho sempre foram desafiantes. Antes de surgir como «o grande homem da **nouvelle vague**» com «**Acosado**», no qual uma parte da crítica viu o nascimento de uma nova estética, Godard espalhou muitas idéias sobre cinema nas revistas especializadas, na condição de crítico dos «**Cahiers du cinéma**» e de «**Arts**»: e são essas idéias que tem aproveitado, às vezes com grande acerto como em «**Viver sua vida**» e mais recentemente «**Alphaville**».

Sua intenção maior consiste mais em reinventar a gramática do cinema, do que em repensar sua temática. Por isso mesmo, é preciso reexaminar sempre as obras de Godard, a fim de concluir-se sobre a sua real contribuição para a arte do filme: terão permanência ou não as suas diabruras com a forma? Até que ponto sua **mise-en-scène** representa uma novidade durável? Pode um criador do cinema subsistir sô-

mente porque um inventor brilhante de alguns elementos de estilo?

Tôdas essas questões estão propostas por «Une femme est une femme», apenas cinco anos depois de sua edição. Quanto mais, porém, um cineasta fôr discutido terá êle importância para os que o «negam ou o afirmam. A prova está em que, após um período extremamente desigual Godard terminou por conquistar em 1965 o grande prêmio de Berlim, conferido por um júri de alta categoria. Se parecia estar num esgotamento prematuro para quem tem apenas 35 anos, a demonstração foi de uma forte renascença.